

O turno conversacional em interações de sujeitos afásicos

Conversational turn in interactions of aphasic subjects

Caio Mira*

RESUMO: Este trabalho objetiva analisar e descrever alguns aspectos interativos e cognitivos dos fenômenos conversacionais envolvidos nas práticas de dois sujeitos afásicos de interagir e operar com as estruturas linguístico-comunicativas, como o turno conversacional. Analisaremos um fragmento de um episódio conversacional de grupo de sujeitos afásicos e não afásicos, gravado em meio audiovisual, a fim de evidenciar as estratégias linguístico-cognitivas de sujeitos afásicos e não afásicos integrantes de um grupo de convivência que promove atividades cotidianas de práticas de linguagem. A partir do arcabouço teórico-metodológico da Análise da Conversação (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974) e dos estudos linguísticos de base sócio-cognitiva (Tomasello, 2003; Ford, Fox & Thompson, 1996), procuraremos demonstrar que a configuração do sistema de troca de turnos é complexa por abarcar aspectos prosódicos, sintáticos e pragmáticos na manipulação de estratégias linguístico-cognitivas envolvidas na organização da conversação. As análises demonstram que os dois sujeitos afásicos, apesar dos déficits de ordem linguístico-cognitiva, conseguem manipular os turnos para assegurar o desenvolvimento da conversação.

PALAVRAS-CHAVE: afasia; conversação; turnos; interação.

ABSTRACT: This paper aims to analyze and describe interactive and cognitive aspects of the phenomena involved in the conversational practices of two aphasic subjects when interacting and operating with the linguistic and communicative structures, such as conversational turn. The purpose is to analyze a fragment of an episode of conversational group of aphasic and non-aphasics, recorded on audio-visual, in order to highlight the linguistic and cognitive strategies of aphasic and non-aphasic members of a support group that promotes activities of everyday language practices. Based on the theoretical and methodological framework of Conversation Analysis (Sacks, Schegloff & Jefferson, 1974) and linguistic studies using socio-cognitive foundations (Tomasello, 2003; Ford, Fox & Thompson, 1996), we demonstrate that the configuration of the shift is complex, encompassing aspects of prosodic, syntactic and pragmatic in handling linguistic and cognitive strategies involved in the organization of conversation. Analyses show that the aphasic subjects, despite the deficits in cognitive-linguistic order, can handle the shift to ensure the development of conversation.

KEYWORDS: aphasia; conversation; turns; interaction.

1. Introdução

As afasias são, fundamentalmente, sequelas de um acidente vascular cerebral, de traumatismos cranianos ou de tumores cerebrais que afetam sensivelmente a linguagem em seus vários níveis de constituição e processamento. As afasias podem afetar as formas de articulação

* Doutor em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas. Docente da Faculdade de Comunicação Social do Centro Universitário Padre Anchieta (Jundiaí/SP) e membro pesquisador do COGITES (Cognição, Interação e Significação – IEL / UNICAMP, cadastrado junto ao CNPq).

e produção dos segmentos fonéticos e fonológicos, a capacidade de ordenar sintaticamente os elementos dos enunciados, a seleção de itens lexicais em situações comunicativas e os processos semânticos de compreensão e produção (cf. JAKOBSON, 1954; LURIA, 1976, 1981).

No entanto, a definição acima reduz e ao mesmo tempo simplifica as consequências que o fenômeno afásico pode acarretar tanto no plano linguístico, quanto no interacional. Reduz e simplifica porque a questão das afasias não está somente circunscrita nos domínios das alterações estruturais da linguagem humana. Essa definição simplificadora as reduzem sob um único invólucro: o das patologias da linguagem cujos traços ou características de disfluência e dificuldade metalinguística seriam uma espécie de excrescência em relação às situações normais e correntes da linguagem em contextos de uso.

A concepção tradicional das afasias é baseada em uma forte idealização de linguagem normal, sendo os testes metalinguísticos e descontextualizados o terreno propício para a consolidação de uma tradição patológica e normativa no campo da Afasiologia. Nesse contexto, as manifestações afásicas em nada teriam a ver com processos que também ocorrem na linguagem não patológica. Além disso, as afasias são diagnosticadas a partir de testes de base estruturalista e normativa que têm o pressuposto de que o fenômeno afásico, constitui, essencialmente, um problema da ordem de uma metalinguagem estrita, ou seja, um problema de reconhecimento das estruturas e das propriedades da língua tomada como um sistema fechado em si mesmo. Morato (2001) sintetiza este posicionamento que por muito tempo norteou os estudos afasiológicos:

A afasia tem sido definida tradicionalmente como um problema metalinguístico conforme postula Jakobson (1954/1981): “a afasia pode ser definida amiúde como um problema relativo às operações metalinguísticas”. Isso quer dizer que o que estaria afetado nas afasias diz respeito fundamentalmente a um conhecimento metalinguístico do mundo. Procedimento recorrente para o estudo, a descrição de sua semiologia e a conceituação tradicional das afasias, as baterias de testes-padrão, prenes de tarefas metalinguísticas quase caricaturais com relação às propriedades da língua “Tornou-se clássico perturbam a metalinguagem. Isso porque falar uma língua (e fazê-lo adequadamente) estaria subordinado à capacidade (lógico-perceptiva, bem entendido) de falar sobre esta língua. (...) perder-se-ia nas afasias não apenas a capacidade de falar sobre a linguagem, mas essa possibilidade de reflexividade da linguagem que consiste numa reação de reparação e de reconstituição de processos linguísticos” (MORATO, 2001, p. 22).

Conceber as afasias como um problema de metalinguagem (aqui reduzida ao metalinguístico) e de perda da capacidade reflexão de seu uso instiga-nos refletir a respeito da seguinte questão: as afasias seriam apenas um problema de ordem metalinguística? Ao responder essa questão, e encontrando uma resposta negativa, deparamo-nos com uma outra questão igualmente ou até mais instigante: se a afasia não se restringe apenas a um problema de metalinguagem (reduzida por sua vez a uma questão relativa ao sistema linguístico *stricto sensu*), os sujeitos acometidos por ela seriam capazes de refletir e manipular uma das estruturas linguísticas responsáveis pela prática de linguagem mais recorrente na vida do ser humano, isto é, a conversação?

Para tratarmos da questão do uso da linguagem afásica na conversação, primeiramente é necessário considerar as outras implicações afásicas vão além da definição de um problema de metalinguagem no sentido de perda de capacidade realizar operações metalinguísticas (cf. JAKOBSON, 1954; LEBRUN, 1983). A afasia desestabiliza cognitivamente e descaracteriza justamente a capacidade de comunicação, de utilizar um sistema simbólico, verbal e não verbal para veicular sentidos e, conseqüentemente, de manter e incrementar os diversos vínculos sociais constituídos ao longo da vida.

Diante dos impactos de ordem cognitiva e social desencadeados pelas afasias, o objetivo do presente trabalho é analisar um fragmento de um episódio conversacional para demonstrar que dois sujeitos afásicos possuem a capacidade de reconhecer e manipular o turno durante a conversação.

2. A conversação: o domínio empírico das práticas de linguagem

O domínio empírico do presente trabalho é a conversação, especificamente a conversação face a face, que constitui o cenário básico da aquisição e do uso da linguagem humana (CLARK, 1996). A conversação face a face estabelece e configura “o uso básico e primordial da linguagem, e a melhor descrição para todos os outros usos vem a ser em termos do modo como eles se desviam daquela base” (FILMORE, 1991, *apud*, CLARK, 2000: 53). É no interior desse domínio empírico que será desenvolvida nossa análise que terá como escopo uma das categorias nucleares que sustentam a conversação face a face: o turno conversacional.

Vale ressaltar que a conversação ocorre no interior de quadros sociais mais explícitos que, ao mesmo tempo, dão forma e conteúdo às ações comunicativas. Partindo dessa premissa, a conversação no âmbito desse trabalho é tomada como:

(...) uma interação centrada, da qual participam pelo menos dois interlocutores que se revezam, tomando cada qual pelo menos uma vez a palavra, dando-se o evento comunicativo uma identidade temporal e num determinado “quadro social” (W. LABOV / D. FANSHEL, 1977, p. 26). Como numa conversação várias pessoas agem (ao mesmo tempo ou sequencialmente), trata-se também de uma sequência de ações inter-relacionadas que, de algum modo, devem formar um todo coerente para que sejam compreensíveis. Evidentemente, uma conversação deve preencher uma série de condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas para que se dê uma interação bem-sucedida (MARCHUSCHI, 1988, p. 319-320).

A definição de Marchuschi situa a conversação em um terreno mais amplo, onde a simetria das trocas conversacionais cede espaço à realização de eventos comunicativos, que por sua vez, ocorrem em função de “condições cognitivas, contextuais, sociais e linguísticas” essenciais para uma interação. No domínio empírico de nossa análise, isto é, a conversação, inúmeros elementos estão simultaneamente partilhados e construídos conjuntamente pelos interactantes. As regras que duas ou mais pessoas partilham são reconhecidas prontamente e nesse processamento *on line*, desenvolve-se a construção conjunta de sentidos. São inúmeros elementos que entram em jogo no ato cotidiano de conversar. Dentre essa constelação de elementos que permitem o entrosamento comunicativo, elegemos o turno conversacional.

3. A noção de turno conversacional

O estudo pioneiro de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) sobre a sistemática elementar da troca de turnos representa um marco inicial dos estudos da Análise da Conversação (doravante AC), por traçar um modelo de tomada de turnos ancorado na observação empírica dos aspectos sistemáticos recorrentes da conversação. Nesse estudo, fica evidente a definição dos princípios metodológicos norteadores para a consolidação de um aparato analítico consistente, que fosse capaz de explicar a organização sequencial administrada tacitamente pelos falantes numa atividade interativa. Nas palavras dos autores:

O sistema de tomada de turnos é em primeiro lugar para ‘sequências da fala’. Há uma ordem de organização para tipos de sequências, em referência à qual a extensão da conversa para unidades deste tipo pode ser determinada. O sistema de trocas de turno em si é compatível com extensões variáveis e não pré-determina nenhuma extensão (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974, p. 27).

A proposta que os autores lançam configurou-se, na realidade, nos princípios analítico-metodológicos que regem os estudos da AC. Esses princípios são: *i*) uma abordagem rigorosamente empírica, que evita a construção de pressupostos teóricos e de julgamentos intuitivos; *ii*) a busca de padrões recorrentes em um número expressivo de conversações em contextos naturais; *iii*) ênfase às consequências interacionais e inferências que os falantes realizam nas conversações; *iv*) a explicação das propriedades sistemáticas da organização sequencial da conversa e as maneiras como as enunciações são concebidas para gerar tais sequências (LEVINSON, 2007).

A partir desses princípios, Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) concebem um modelo para a dinâmica das trocas de turnos que busca estabelecer uma sistemática elementar calcada em dois elementos: as unidades de construção de turno (doravante UCT) e os lugares relevantes de transição do turno (doravante LRT). O objetivo de muitos trabalhos, no âmbito da AC, concentrou-se na tarefa de oferecer subsídios teóricos e analíticos da organização dos turnos a partir do sistema de trocas proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Uma observação detalhada da bibliografia sobre a noção de turno neste campo revela, entre outras coisas, uma forte tendência descritivista e a preocupação à definição de traços linguísticos que constituem os turnos. Partindo da premissa: “os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais” (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974, p. 16), uma quantidade considerável de trabalhos produzidos na década de 90 buscaram corroborar a hipótese de que a sintaxe seguida do léxico prevaleceriam na construção dos turnos. Em outras palavras, a insistência na determinação dos níveis linguísticos que, de certa forma, “comandam” os processos de constituição e trocas de turnos revela uma forte orientação dos estudos da AC: a de tentar sistematizar, ou até mesmo, de gramaticalizar recursos da linguagem ordinária.

A primeira tentativa de definição das UCT ocorre em 1974 no trabalho de Sacks, Shegloff e Jefferson sobre a sistemática de alternância de turnos. Embora este estudo apresente e exemplifique as bases fundamentais para o entendimento das formas de trocas de turno, a definição das UCT carece de mais especificidade. Nesse clássico texto da AC, a definição é realizada a partir de traços linguísticos pouco definidos do inglês. Nas palavras dos autores:

Há vários tipos de unidades com as quais um falante pode começar a construir um turno. Os tipos de unidade para o inglês incluem construções do tipo sentenciais, clausais, sintagmáticas e lexicais. As ocorrências de tipos de unidades assim utilizadas permitem uma projeção do tipo de unidade em

andamento, e, *grosso modo*, o quanto faltará para que uma ocorrência daquele tipo seja completada (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974, p. 16).

A definição das UCT proposta pelos autores não especifica claramente quais são os níveis linguísticos envolvidos no funcionamento do sistema de trocas de turnos. O critério mais claro que os autores mencionam é o *princípio de projetabilidade*. Assim, as UCT são caracterizadas empiricamente por alguns aspectos sintáticos e lexicais. No entanto, é a possibilidade de projeção apresentada por esses aspectos que determina as finalizações e as passagens de turnos, tal como é proposto para a operação do sistema de trocas.

Embora Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) não busquem estabelecer detalhadamente as unidades que constituem o turno, mas sim demonstrar que as trocas de turnos são passíveis de sistematização, alguns estudos posteriores procuram esclarecer quais são os níveis linguísticos mais salientes que possibilitam mensurar fatores intrínsecos da construção de turnos, tal como a extensão e as finalizações. Um bom exemplo de trabalho de tal vertente é o estudo de Levinson (2007) que oferece uma definição mais clara dos traços linguísticos que determinam uma UCT. É interessante notar que para o esse autor a primazia dos traços sintáticos é relativizada pelo o que ele denomina de *flexibilidade da sintaxe da língua natural*, que confere aos falantes a possibilidade do reconhecimento da extensão e da configuração de uma UCT. Segundo o Levinson:

Essas unidades, neste modelo, são determinadas por vários traços da estrutura linguística superficial: são unidades sintáticas (sentenças, orações, sintagmas nominais, etc) identificadas como unidades de turno em parte por meios prosódicos, e, especificamente, por meios entonacionais. Inicialmente, será atribuída ao falante apenas uma destas *unidades construcionais de turno* (embora a extensão da unidade esteja, em grande parte, sob o controle do falante, devido à flexibilidade da sintaxe da língua natural (LEVINSON, 2007, p. 377).

As afirmações de Levinson são corroboradas por alguns estudos que partem do pressuposto de que as UCT são as unidades linguísticas mínimas relevantes constituídas a partir de recursos sintáticos e prosódicos. Em outras palavras, a imprecisão a respeito da “materialidade linguística” das UCT cede espaço às pesquisas que visam aprimorar a compreensão das trocas de turnos. Os trabalhos de Selting (1996, 2000), representam esta concepção, ao exemplificar com dados conversacionais do alemão e do inglês os níveis linguísticos mais salientes para a troca de turnos. Segundo a autora, as unidades são potencialmente constituídas e completadas em alguns pontos sintáticos. Entretanto, a sintaxe

isoladamente não é capaz determinar a construção dos turnos. Os dados de suas pesquisas demonstram que há uma interface entre elementos sintáticos e prosódicos, ou seja, existiria uma predominância sintática para a construção dos turnos, porém, contextualizada prosodicamente. Os argumentos a respeito da existência de uma interface entre a sintaxe e a prosódia na construção de turnos ganham maior evidência nos estudos da AC. Muitos estudos da área buscam delimitar detalhadamente as UCT a fim de agregar ao sistema de trocas turnos, proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) uma compreensão mais apurada da organização interativa da conversação, sobretudo, a respeito dos níveis linguísticos manipulados pelos falantes que permitem a eles reconhecer a extensão e os lugares mais relevantes de tomada e sobreposição dos turnos. Principalmente na década de 90, a hipótese de que a sintaxe isoladamente não consegue abarcar as estratégias das trocas de turno torna-se mais pertinente.

Essa hipótese também foi investigada por Ford, Fox & Thompson (1996). As autoras afirmam que não estão convencidas a respeito da hipótese da predominância sintática, e defendem a ideia de que os outros fatores estão envolvidos nos processos de projeção e finalizações de turno. Os fatores envolvidos nas trajetórias de turnos incluem uma “constelação” de pistas pragmáticas, prosódicas e gestuais. Dessa forma, a inserção do termo “pragmática” para designar outros mecanismos que estão fora de aparato organizacional da sintaxe e até mesmo da gramática abre a possibilidade de questionar o que realmente determina as trocas de turnos numa conversação.

O modelo de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) enfoca fundamentalmente a noção de unidade para explicar as formas que os falantes organizam as tomadas de turno. Na realidade, o modelo tem sido interpretado com um inventário de estruturas, o que ocasiona insistentes tentativas de operacionalizar as unidades mínimas desse inventário a fim de explicar o funcionamento dos turnos. Assim, fica evidente uma tensão entre o funcionamento do sistema de tomada de turno, calcado em unidades mínimas e a dinamicidade dos fatores contextuais intrínsecos ao evento interativo. O ponto mais visível dessa tensão é a insistência em capturar as unidades de construção de turno e a exclusão de fatores que fogem à sistematicidade dos níveis linguísticos, ou seja, o que as Ford, Fox & Thompson (1996) rotulam sob o termo pragmática: fatores imbuídos na ação interativa.

Na realidade, trabalhos como os de Ford, Fox & Thompson (1996) indicam uma tendência no quadro teórico-analítico da AC, sobretudo a de cunho etnometodológico: a dificuldade de operar metodologicamente níveis fora do aparato organizacional da gramática,

apesar de pressupô-los. Muitas pesquisas da área buscam refutar as bases metodológicas lançadas por SSJ, porém, acabam, na maioria das vezes, corroborando com uma ideia de segmentação da conversa em unidades gramaticais. A metodologia da AC, baseada em especial em uma transcrição finamente detalhada do ponto de vista da sequencialidade e da temporalidade dos eventos, é posta em ação a fim de analisar e descrever a conversação a partir das regularidades presentes no uso da linguagem. A insistência metodológica da AC ofusca de certo modo a possibilidade completa de compreender a conversação como um evento interativo estruturado a um só tempo de forma macro e micro, uma prática social altamente ritualizada em que os falantes lançam mão de outros recursos simbólicos que não a língua, voltados para a realização contínua de múltiplas atividades psicossociais (HANKS, 2008).

O quadro que se forma diante de tal percepção indica uma tendência em atribuir à a todos os níveis linguísticos a capacidade de organização da conversação. Soa um pouco contraditório constatar que a AC investe “suas fichas” apenas nos fatores linguísticos para a compreensão da conversação, em função de uma visada essencialmente interacional reivindicada por este domínio interdisciplinar, proveniente do campo da microssociologia. É contraditório tal posicionamento, pois os aspectos interativos e pragmáticos são praticamente negligenciados no aparato analítico (algo semelhante ao que Goffman (2002) denominou como *a situação negligenciada*), e também porque a conversação não é somente realização de um sistema de trocas mensurável a partir de unidades linguísticas, mas sim uma prática social e interativa. Outro ponto que suscita controvérsias está relacionado à influência de Etnomedologia, cuja inspiração é a Etologia.

4. Os dados

Os dados deste trabalho são provenientes do acervo do banco de dados do grupo de pesquisa “Cognição, Interação e Significação: estudo de práticas linguístico-interacionais no contexto patológico” (COGITES). O acervo deste banco de dados é constituído por gravações em meio audiovisual dos encontros do Centro de Convivência de Afásicos (doravante CCA). O CCA é fruto de uma ação conjunta entre o Departamento de Neurologia da Faculdade de Ciências Médicas e o Departamento de Linguística do Instituto de Estudo da Linguagem, ambos da Unicamp. Funciona desde 1990 com o intuito de “desmedicalizar” os tipos de intervenções terapêuticas e clínicas que eram então oferecidas aos sujeitos afásicos, proporcionando a eles uma abordagem clínica diferente dos moldes tradicionais.

O seu principal objetivo é oferecer um espaço de interação, como um espaço para o exercício efetivo de práticas cotidianas de linguagem entre os sujeitos afásicos e não afásicos de forma a contribuir para o maior entendimento da condição de afásico e oferecer alternativas para a reintegração social desses sujeitos pela convivência e enfrentamento mútuo das inúmeras dificuldades que a afasia implica. Além disso, o CCA também é um espaço de pesquisa e docência no qual se envolvem pesquisadores, alunos de pós-graduação que se empenham em pesquisas sobre a complexa relação entre os aspectos sociais e interativos que envolvem linguagem, cérebro e cognição. Os sujeitos afásicos que frequentam o CCA são encaminhados pelo Departamento de Neurologia, onde recebem todo o tipo de assistência clínica necessária. Os não afásicos que integram o CCA são amigos, familiares e pesquisadores, sendo que estes últimos desenvolvem seus trabalhos no Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Especificamente no dado analisado, há a participação de duas senhoras afásicas: IP e MG.

IP é uma senhora brasileira, destra, casada, enfermeira aposentada nascida em março de 1931. Em novembro de 1988, sofreu um Acidente Vascular Cerebral isquêmico. O quadro afásico de IP, diagnosticado no Hospital de Clínicas da UNICAMP, é caracterizado por uma afasia motora branda com discreta hemiparesia à direita. O comprometimento de fala da senhora IP é marcado pelas pausas e hesitações alongadas que não influenciam de maneira muito incisiva o fluxo conversacional.

MG é uma senhora brasileira, nascida em abril de 1948, destra, solteira. Em dezembro de 1999, MG foi acometida por teve um Acidente Vascular Cerebral isquêmico. Uma das sequelas desse evento neurológico foi uma afasia motora. Seu quadro afásico é marcado pelas dificuldades de encontrar palavras e de predicação, além de parafasias¹ (fonológicas em especial). Além disso, a senhora MG apresenta um quadro afásico de predomínio motor. A produção verbal dela é, inicialmente, laboriosa, com perseveração e produção de parafasias de várias naturezas (inclusive deformantes ou “neologizantes”). Embora proceda a operações epilinguísticas, como correções e reformulações, MG enfrenta frequentemente dificuldades de proceder a processos inferenciais.

¹ Parafasia, basicamente, diz respeito à substituição de uma palavra-alvo (aquela pretendida pelo sujeito) por uma outra ou da troca de um som por outro, podendo variar o grau de semelhança entre o som ou palavra pretendidos e os efetivamente realizados.

Os encontros do CCA têm início a partir da atividade de linguagem e terminam com o exercício de teatro. Entre esses dois momentos, independentemente da sequência, existe uma pausa para um “café”. Os encontros duram aproximadamente três horas, sendo que cada uma das atividades (linguagem e teatro) têm uma hora e quinze de duração e a pausa para o café cerca de meia hora.

Os nossos dados referem-se às atividades do Programa de Linguagem. Essas atividades procuram explorar os diversos gêneros e eventos que constituem o uso da linguagem no cotidiano tais como: diálogos, comentários, narrativas, a exposição e a discussão de notícias de jornais e revistas, as discussões sobre temas sociais e culturais diversos (principalmente de produções culturais como filmes, peças de teatro, e obras literárias), comentários sobre o noticiário e a vida política do país, assim como também relatos da vida cotidiana e familiar dos membros do grupo.

No encontro de 07/03/2004, a atividade do Programa de Linguagem consistia no relato das férias e festas de final de ano. Após tomarem café, os participantes, sentados ao redor de uma mesa, produziam pequenos relatos a respeito do que fizeram durante o período de recesso das atividades do CCA. Em função do fato de ser o primeiro encontro do ano, as narrativas ocupam grande parte do espaço das atividades, e, assim, tornam-se o tópico predominante da interação. Portanto, o primeiro supertópico introduzido no encontro de 07/03 é o “relato de férias”. Segue abaixo um fragmento deste encontro²:

- 1 EM: então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né
2 **MG**: eu bati ((risos))
3 JT: ah que emocionante G...batida foi emocionante então
4 **MG**: foi ((risos))
5 **IP**: na garagem da vizinha né G
6 **MG**: e be te
7 EM: mas bateu sem perigo assim machucou nada
8 **MG**: não...eu entre de ((risos))
9 JT: de marcha ré?
10 JC: entrou na garagem da vizinha
11 **IP**: é ((risos de MG))
12 **MG**: é mandei e
13 EM: você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas?
14 **MG**: é na
*--☐☐ ((olha para IP))

² Apenas para garantir a melhor visualização e compreensão dos dados, utilizaremos negrito para identificar os participantes afásicos.

- 15 **IP**: [perto
16 **JM**: de marcha ré
17 **MG**: ...vinte e quatro::
18 **JT**: na véspera de Natal?
19 **MG**: é

Após os cumprimentos e saudações rotineiros entre os membros do grupo, a pesquisadora EM instaura o supertópico “relato de férias”, havendo o desdobramento desse supertópico em subtópicos. Cada um dos participantes, indagados por EM, produz um pequeno relato de suas férias e final de ano. No fragmento selecionado, analisaremos o especificamente o padrão de constituição e transição dos turnos em IP e MG.

Conforme é observado na linha 1, a pesquisadora EM, dando continuidade aos relatos individuais de férias, indaga a participante afásica MG a respeito dos fatos ocorridos durante o recesso do grupo. Antes de ser indagada por EM, MG relatou algum fatos ocorridos durante o período de recesso do grupo para outros participantes, o que ocasionou a formação de grupos paralelos durante o relato de outro participante. Para assegurar o compartilhamento do relato de MG, e conseqüentemente a instauração e o desenvolvimento de novo subtópico, EM inicia uma estrutura de transição de turnos baseada em pares adjacentes, que assegura a alternância dos turnos e a seleção do próximo falante, por serem constituídos basicamente por perguntas (P) e respostas (R).

Os pares adjacentes demandam, na maioria das vezes, um certo direcionamento dos turnos, que no caso deste fragmento é a continuidade do supertópico (“relato de férias” e seu desdobramento em subtópicos – “a batida de carro de MG”). O fator que desencadeia estas enunciações emparelhadas em forma de pares adjacentes é a produção de uma primeira parte do par, o atual falante deve parar de falar, e o seguinte deve produzir, nesse ponto, uma segunda parte do mesmo par (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974).

Apesar da estrutura de perguntas e respostas demandar essencialmente a transição dos turnos e a seleção imediata do próximo falante, conforme pode ser observado nas linhas 1-2 (1 EM: “então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né /2 MG: eu bati”), 7-8 (7 EM: mas bateu sem perigo assim machucou nada /8 MG: não...eu entre de) e 13-14 (13 EM: você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas? / 14 MG: é na ((hesitação)), há a inserção de turnos de outros participantes no par adjacente estabelecido anteriormente entre EM e MG. Nas linhas 3, 5, 9, 10 e 11, os turnos de JT, IP e JC estão intercalados às respostas de MG. A inserção destes turnos colabora para o desenvolvimento do subtópico em questão,

como também na manutenção da própria estrutura de pergunta e resposta. Em outras palavras, embora as perguntas iniciais do par não sejam endereçadas especificamente a JT, IP e JC, os turnos intercalados desses participantes requerem o maior detalhamento das resposta de MG, ou seja, a continuidade de sua narrativa.

Os turnos dos participantes que inicialmente não são parte do par adjacente demonstram que o critério de adjacência das díades de pergunta e respostas revela-se frágil por não conseguir explicar as possibilidades de transição dos turnos. No fragmento 1-15, a estrutura de par adjacente é o mecanismo inicial da dinâmica de turnos que desencadeia tanto a continuidade da conversação quanto age diretamente na progressão de um supertópico definido anteriormente, isto é, o relato de férias do participantes e a instauração do subtópico “a batida de carro de MG”. Um conceito interessante que amplia o critério de adjacência é o de relevância condicional.

Levinson (2007) propõe que a regra que une as partes de um par não é uma questão que deve receber uma resposta para assim haver um discurso bem formado, mas sim as expectativas específicas que é preciso atender na interação em curso. Levando em conta a atividade conjunta exercida pelo grupo, o relato do período de férias dos participantes, podemos considerar que os turnos de JT, IP e JC não são mecanismos de ruptura do par, instaurado por EM (linha 1: “então ficou assim...e você tem uma novidade que tava contando pro grupo né”). Se considerarmos a expectativa da ação do grupo nesse momento da interação, podemos concluir que esses turnos são várias segundas partes do par que potencialmente respondem à primeira parte do par, isto é, o pedido de EM para MG relatar suas férias. Na realidade, os turnos intercalados demonstram que a noção de adjacência é estreita. Podemos observar que segmento 1-15 que há reações distintas, que não são propriamente respostas às perguntas, porém, funcionam como segundas partes aceitáveis do par inicialmente estabelecido e agem diretamente na sequencialidade do episódio conversacional. Sob a ótica do desenvolvimento tópico, os turnos intercalados são elementos influentes no fenômeno de progressão tópica.

Em relação à constituição da UCTs, as linhas 14-15 apresentam uma forma de transição que contraria a tese de predominância sintática preconizada por Schegloff desde a publicação do artigo seminal sobre a sistemática elementar das trocas de turnos (SACKS; SCHEGLOFF; JEFFERSON, 1974, p. 16). Na linha 14, o turno de MG não apresenta uma finalização em termos sintáticos, ocorre uma hesitação no momento da produção da resposta à pergunta de EM na linha anterior (você bateu na garagem da vizinha aqui em Campinas?). Em função da grande pausa no momento da finalização da UCT, a participante IP completa o turno de MG (linha 14).

A ação de IP em relação à transição do turno poderia ser interpretada apenas com uma sobreposição, entretanto, há neste fragmento um exemplo de sua percepção do lugar relevante de transição do turno que culmina em uma ação colaborativa para proceder ao fechamento do turno anterior de MG e assim assegurar a progressão tópica. Se observarmos tais movimentos de transição de turno somente sob a ótica de um sistema de trocas que opera por unidades mínimas sintáticas e lexicais, tal como é proposto por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974) constaremos que o padrão da transição dos turnos não ocorre somente em função de aspectos estritamente linguísticos. Em 14 e 15, o LRT ocorre por um fator pragmático e prosódico (o olhar de MG para IP, e a sua hesitação), o postulado de finalização e transição dos turnos proposto por Ford & Fox (1996), ou seja, a convergência de fatores prosódicos e pragmáticos na constituição das UCTs. Vale salientar que parece haver uma ratificação, por parte de MG, para IP participar da transição dos turnos e assim cooperar no desenvolvimento tópico. A partir desse segmento, a ratificação de IP alterna não só a estrutura anterior de par adjacentes, como também é um mecanismo contribuição dos referentes tópicos. A ratificação de outros participantes em interações diádicas promove a construção de um estado de informações compartilhadas que afeta sensivelmente o engajamento dos participantes na interação e, conseqüentemente, a forma de transição dos turnos Goffman (2002).

A interrogação feita por JM (linha 16: de marcha ré) logo após o fechamento do turno de MG que foi realizado por IP nos mostra que a sucessão do turno foi completada. MG prossegue com o relato dos detalhes de seu acidente e inicia seu turno com uma micro pausa no início da sentença e, ao final, realiza um alongamento vocálico. Esse sinal prosódico é interpretado por JT como um sinal de que há a necessidade de sua complementação, a qual ele prontamente realiza com uma sobreposição que é uma pergunta acerca das circunstâncias do episódio em questão (18 JT: na véspera de Natal?).

Na seqüência, MG responde ao questionamento, e, portanto, fecha o turno inicialmente aberto por ela (linhas 17 e 19). É possível perceber que IP já elabora complementos referenciais ao tópico da conversa, o relato do acidente de MG nos espaços de repetição e hesitação dos lugares mais relevantes de finalizações dos turnos de MG (por exemplo, nas linhas 24 e 25 no fragmento abaixo). Vale salientar também que os turnos de IP são inseridos na conversa sem sobreposição, unindo as partes do par adjacente sem recorrer a estrutura de perguntas e respostas.

- 20 JT: véspera de Natal...que beleza
21 EM: escuta G (é o mesmo) que você tinha batido antes?
22 **MG**: não ((todos falam ao mesmo tempo))
23 EM: você bateu no portão dela?
24 **MG**: no portão dela a sorte que ela tava...ela tava ela tava...tava
25 **IP**: dentro
26 **MG**: não
27 EM: ela não estava ali
28 **MG**: não...e ela só chegou duas horas da ((risos))
29 EM: é pegou no portão...tá e aí quando você bate no portão dela você manda arrumar?
30 **MG**: ah se não mandar...eu mando tudo
31 EM: o que acontece quando você entra é sempre do mesmo jeito que você bate?...tem uma...alguma constância?...nessa sua batida
32 **MG**: não é eu tava...bate
33 EM: tava entrando na sua casa?
34 **MG**: não
35 EM: o portão é automático?
36 **MG**: não tava
37 **IP**: chegando né
38 **MG**: tava chegando
39 EM: você ia entrar na casa ou ia encostar
40 **MG**: não ia...
41 EM: encostar
42 **MG**: isso
43 EM: aí você bateu no portão dela?
44 **MG**: ah
45 EM: da outra vez foi assim também?
46 **MG**: não
47 EM: era uma outra manobra
48 **MG**: [[é
49 **IP**: [[é
50 EM: G tem que dar uma treinada nessa sua chegada em casa...((MG ri)) não é verdade não é isso?

De 26 a 51, volta haver a predominância de pares adjacentes, em forma de perguntas e respostas (P/R). Esse padrão de movimentação do turno parece contribuir para o desenvolvimento direcionado do tópico. Nesse caso, a narrativa de MG é conduzida por uma sucessão de P a respeito do acidente de MG (linhas 29, 31, 33, 35, 43, 45), mantendo assim a estrutura de P/R iniciadas por EM desde a instauração do tópico da atividade de 07/03/2004.

Interessante notar que os turnos de IP são complementos às respostas de MG, no sentido de especificar ainda mais seus turnos, isto é, o relato de suas férias. IP parece reconhecer fundamentalmente dois elementos: a necessidade de desenvolvimento do tópico (nesse caso o subtópico “Acidente de MG”) e também a pertinência de elaborar “complementações” as

respostas de MG, seja por meio do preenchimento dos *gaps* das UCTs dos turnos de MG (gramaticalmente curtas), ou como nos seguimentos 14-15 e 24-25 onde IP reconhece a finalização das UCTs dos turnos de MG. No segmento 14-15, a finalização da UCT e, conseqüentemente, a transição do turno ocorrem por meio de uma pista pragmática, o olhar de MG. Uma ocorrência parecida também pode ser observada no segmento em 24-25, onde novamente a ocorrência da transição acontece a partir de hesitações e repetições, ou seja, pistas fundamentalmente prosódicas. Nesses segmentos, é possível observar que IP assume um papel de coelaboradora dos turnos e desenvolvedora desse subtópico.

Os segmentos expostos ilustram a tese de Ford, Fox & Thompson (1996) a respeito da complexidade da transição dos turnos. Segundo as autoras, a finalização dos turnos conjuga simultaneamente fatores linguísticos que vão além do nível sintático, conforme preconizado no texto seminal de SSJ (1974) e por alguns trabalhos mais recentes de Schegloff (2000, 2007). Se considerarmos a predominância da sintaxe na constituição das UCT, a transição dos turnos em 14-15 e 24-25 é explicada em função do preenchimento sintático das sentenças bem formadas. No entanto, nos exemplos analisados, a transição dos turnos acontece em função da projetabilidade da ação desempenhada pelos participantes, que neste caso é o relato das férias de MG. A simultaneidade de ocorrência de recursos léxicos, gramaticais, prosódicos e pragmáticos garante a o desenvolvimento do tópico.

A partir da análise do fragmento, é possível postular que esse padrão de movimentação de turno é mais frequente em tópicos que demandam uma estrutura narrativa, principalmente nos momentos em que a configuração do enquadre interativo “comentários e relatos do cotidiano” torna-se predominantes. Há indícios de que a relação entre tópico e enquadre interativo é o elemento que estrutura o padrão de transição dos turnos. O contexto interativo ocasiona o que Hanks (2008) denomina como “os processos de incorporação de credenciamentos e divisões sociais que existem antes e além de qualquer campo demonstrativo, que não são assinaladas em algum lugar do discurso e mesmo assim, moldam o contexto e restringem o acesso dos sujeitos ao discurso” (p. 186).

5. Considerações Finais

É possível observar nos segmentos analisados as estratégias utilizadas pelas duas senhoras afásicas para promover a movimentação dinâmica dos turnos e, assim, assegurar a continuidade do fluxo conversacional da interação e os desdobramentos do tópico discursivo.

Cumpra salientar que os dados analisados são provenientes de interações em grupo. Portanto, há nesse grupo sujeitos afásicos e não afásicos. Um aspecto que deve ser destacado é o fato de que os sujeitos afásicos estão em situações conversacionais concretas em um grupo socialmente organizado, cujo o objetivo é proporcionar situações práticas do uso de linguagem. Nesse sentido, os diferentes tipos de afasias e os comprometimentos linguísticos não são fatores essencialmente determinantes para o engajamento conversacional.

O fragmento analisado ilustra justamente que o tipo e o nível de comprometimento linguístico acarretado pela afasia não impede que os sujeitos afásicos participem da conversação. MG apresenta um quadro afásico marcado acentuadamente pelas dificuldades motoras no processo de articulação dos gestos da fala. A senhora IP também apresenta uma afasia motora. No entanto, seu nível de comprometimento de articulação linguística é menor. As principais características de seu quadro afásico são as hesitações e pausas na elaboração de seus turnos conversacionais. Mesmo diante dos diferentes níveis de comprometimentos acarretados pelas afasias, IP e MG conseguem manipular os turnos conversacionais e dar continuidade ao fluxo interativo.

As movimentações do turno ocorrem de maneira um pouco diferente de como é preconizada pelo sistema de troca turno de Sacks, Schegloff e Jefferson (1974). Em outras palavras, as formas de passagem de turnos e de finalização das UCT não acontecem somente em determinados contextos sintáticos. Os dados demonstram que os sujeitos afásicos conseguem realizar dinamicamente as transições dos turnos lançando mão de recursos não só sintáticos, mas, sobretudo, os de ordem prosódica e pragmática.

Essa constatação corrobora a tese dos trabalhos de Selting (1996, 2000) e Ford, Fox & Thompson (1996) que buscam rediscutir a primazia da sintaxe como o nível linguístico responsável pelo funcionamento da trocas de turnos. A consequência mais direta da caracterização das UCT influi diretamente em outra unidade que opera a dinâmica dos turnos conversacionais: os lugares relevantes de transição do turno, que, por sua vez, são um dos elementos responsáveis pela organização sequencial e dinâmica das trocas de turno. Assim, torna-se pertinente a compreensão de que tais elementos exercem nas estratégias que os sujeitos afásicos lançam mão para operar dinamicamente as trocas de turno em situações conversacionais, isto é, um enfoque da noção de turno conversacional que privilegie mais a sua função textual-interativa do que somente a configuração linguística dos turnos.

Tal enfoque permite-nos analisar os turnos conversacionais como uma categoria interativa e cognitiva, voltada à organização das práticas sociais e, sobretudo, comunicativas que ocorrem no CCA. No presente trabalho, esperamos ter demonstrando o exercício de uma competência de ordem pragmática e discursiva pelos sujeitos afásicos no interior atividades em que a linguagem, em seu estatuto discursivo, subjetivo e social (e não somente a língua), torna-se a matéria-prima das interações (MORATO *et al*, 2005). Portanto, desconsiderar ou dar pouca visibilidade aos aspectos pragmáticos e contextuais envolvidos na organização e funcionamento das trocas de turnos implica na observação das práticas linguísticas dos afásicos a partir de uma ótica que evidencia seus déficits nos diferentes níveis da linguagem.

Referências Bibliográficas

CLARK, H. **Using Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1017/CBO9780511620539>

_____. O uso da linguagem. In: **Cadernos de Tradução**. Porto Alegre: Núcleo de Editoração do Instituto de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. n. 9, p. 49-71, 2000. Tradução de Nelson de Oliveira Azevedo & Pedro M. Garcez. (Originalmente publicado em **Using Language**. Cambridge, UK: Cambridge University Press, 1996)

FORD, C; FOX, B; THOMPSON, S. Practices in the Construction of Turns: the 'TCU' revisited. **Pragmatics International Pragmatics Association**. v. 6, n.3, p. 427-454, 1996.

GOFFMAN, E. A situação negligenciada. In RIBEIRO, B.T & GARCEZ, P M. **Sociolinguística Interacional**, 2. ed. São Paulo, Loyola, 2002. (Originalmente publicado em *American Anthropologist*, v. 66, n. 6, p. 133-166, 1964)

HANKS.W. O que é contexto? In: BENTES, A.C.; REZENDE,R.C; MACHADO, M.A.R. (orgs.). **Língua como prática social**: das relações entre língua cultura e sociedade a partir de Bourdieu e Bakhtin. São Paulo: Cortez, 2008.

JAKOBSON, R. **Linguística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1954/1981.

LEBRUN, Y. **Tratado de afasia**. São Paulo: Panamed Editorial, 1983.

LEVINSON. S. **Pragmática**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

LURIA, A. R. **Basic problems of Neurolinguistics**. The Hague: Mouton, 1976.

DOI: <http://dx.doi.org/10.1515/9783110800159>

_____. **Fundamentos de Neuropsicologia**. São Paulo: EDUSP, 1981.

MARCUSCHI, L. A. **Perspectivas dos estudos em interação na Linguística brasileira dos anos 90**. Recife: (mimeo), 1998.

MORATO, E. M. *et al.* **Sobre as afasias e os afásicos. Subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de Afásicos**. Ed. Unicamp, Campinas, 2002.

MORATO, E. M. *et al.* **Análise da competência pragmático-discursiva de sujeitos afásicos que frequentam o Centro de Convivência de (CCA-IEL/UNICAMP)**. Relatório Processo FAPESP 03/02604-9. Depto. de Linguística – IEL/UNICAMP, Campinas, 2005.

MORATO, E.M. O interacionismo no campo linguístico. In: Mussalim, F. & Bentes, A. C. (orgs.). **Introdução à Linguística: fundamentos epistemológicos**. São Paulo: Cortez, 2004.

SACKS, H.; Schegloff, E.; JEFFERSON, G. A Simplest Systematics for the Organization of Turn Taking for Conversation. **Language**. v 50, n. 4, p. 696-735, 1974. Tradução de: Maria Clara Castellões de Oliveira e Paulo Cortes Gago *et al.* In: VEREDAS - Rev. Est. Ling, Juiz de Fora, v. 7, n. 1 e n. 2, p. 9-73, jan./dez. 2003

SCHEGLOFF, E. Discourse, Pragmatics, Conversation, Analysis. In: **Discourse Studies**, v. 11, n. 1, p. 405 – 435, 2000.

_____. **Sequence Organization in Interaction**. v.1 .Cambridge: Cambridge University Press, 2007.

SELTING, M. On the interplay of syntax and prosody in the constitution of turn-constructural units and turns in conversation. **Pragmatics**. International Pragmatics Association. v. 6, n. 3, p. 371-388, 1996.

_____. The constructing of units in conversational talk. **Language In Society**, London. v. 29, n. 4, p. 477-517, 2000.

TOMASELLO, M. **Origens culturais da aquisição do conhecimento humano**. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

ANEXO

Sistema de notação

| OCORRÊNCIAS | SINAIS | EXEMPLOS |
|--|------------|---|
| Incompreensão de palavras ou segmentos | (SI) | Então é...olha deve ta com (SI)...deixa eu ver... |
| Hipótese do que se ouviu | (hipótese) | Aqui (livro)...ah |
| Truncamento ou interrupção brusca | / | Dia pri/trinta e um de julho |

| | | |
|--|--|---|
| Entonação enfática | Maiúscula | afaSIAS |
| Prolongamento de vogal e consoante | : (podendo aumentar de acordo com a duração) | Agora...a:...a Ida Maria que pesquisou |
| Silabação | - | Ser-vi-do-res |
| Interrogação | ? | Pra quem você mandou isso? |
| Qualquer pausa | ... | Ela veio qui... perguntar... veio se instruir |
| Pausas prolongadas (medidas em segundos) | (3s) | MS: ã:::ham (3s) centro <i>indica 3 segundos de pausa</i> |
| Comentários do transcritor e designações gestuais | ((minúscula)) | Isso não... ((risos)) |
| Comentários que quebram a seqüência temática da exposição | — — | Maria Éster... —.dá pra... ta longe aí né... pequenininho... eu também não enxergo direito...— Oliveira da Silva... e ela também é coordenadora |
| Sobreposição | [apontando o local onde ocorre a superposição | MG: Nova Iguaçu JM: [ah |
| Simultaneidade de vozes | [[apontando o local onde ocorre a simultaneidade | MN: [[eu falava.. mas NS: [[quatro ano.. deixa <i>(indica que duas conversas ocorrem simultaneamente)</i> |
| Indicação de que a fala foi retomada | ... no início | EM: a gente ta mandando pros coordenadores e eles tão colocando onde... EM: ...nas bibliotecas... |
| Citações literais ou leituras de textos | “ ” | aqui... “vimos por meio dessa... desta agradecer o envio dos livros...” |
| Indicação e continuidade de gestos significativos, com a descrição de gestos | * início e fim do gesto* *-----□* continuidade gestual | NS: i::xi... faz tempo aqui *-----□* ((aponta com o dedo)) |

Fonte: Morato *et al*, 2005

Artigo recebido em: 15.07.2013

Artigo aprovado em: 20.09.2013